

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CARLA MARIA DO VALLE SAES

BRINCAR É APRENDER

AMERICANA

2008

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CARLA MARIA DO VALLE SAES

BRINCAR É APRENDER

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia - Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

AMERICANA

2008

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Sa16b	<p>Saes, Carla Maria do Valle.</p> <p>Brincar é aprender: memorial de formação / Carla Maria do Valle Saes. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008.</p> <p>Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).</p> <p>1. Trabalho de conclusão de curso. 2 Memorial. 3 Experiência de vida. 4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. II. Título.</p> <p>08-333-BFE</p>
-------	---

*“Para todos os educadores que acreditam que
através do brincar a criança pode aprender.”*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, por permitir o meu estudo no Proesf, e a todos que de alguma forma contribuíram para isto.

Em especial para:

Bruno e Yasmin, meus filhos;

Junior, meu esposo;

Minha família;

Elza, que cuidou dos meus filhos neste período.

Onde crianças brincam, toda utopia é possível.

Fernando Brant

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	01
1. INFÂNCIA	03
2. MAGISTÉRIO E O PROEF	05
3. A CONSTRUÇÃO SOCIAL E HISTÓRICA DA CRIANÇA	08
4. BRINCAR E BRINCADEIRAS	12
4.1. BRINCADEIRAS E A TELEVISÃO	17
4.2. BRINCADEIRAS DE MENINO E DE MENINA	19
5. O DIA-A-DIA NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL	21
5.1. BRINQUEDOS QUE UTILIZO E BRINCADEIRAS QUE FAÇO NA ESCOLA COM MEUS ALUNOS	23
6. A EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL	29
7. EDUCAR E CUIDAR	33
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37

Armar quebra-cabeças, empinar pipa, rodar pião, jogar xadrez ou bilboquê, jogar sinuca, dançar, ler um conto, ver caleidoscópio: tudo isto não leva a nada. Estas coisas não existem para levar a coisa alguma. Quem está brincando já chegou.

Rubem Alves

APRESENTAÇÃO

Para escrever este memorial foi preciso recordar o passado, relembrar coisas que estavam adormecidas, julgava ter apagado da minha mente muitos fatos, mas estavam lá guardados, bastou estímulo para aflorarem e fazerem parte destas páginas. Mas não foi muito simples, pois, como diz Bosi (1995, p.55), lembrar não é somente reviver, é reconstrução e trabalho, assim: “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho é trabalho”.

Como tema deste, optei por escrever sobre a aprendizagem da criança por meio do brincar na escola de Educação Infantil, devido ao seu grande valor para a construção do desenvolvimento do indivíduo como um todo, tanto no aspecto psicológico, afetivo como cognitivo. O brincar e a brincadeira estimulam a inteligência, as crianças aprendem valores; ainda, proporcionam que a criança entre em contato com suas habilidades e dificuldades, além disto, despertam a imaginação e a criatividade.

Entre lembranças, recordações e reconstruções, inicio este trabalho fazendo um breve histórico da minha infância: as brincadeiras, o contato com outras crianças; minha formação: o primário, o magistério e o Proesf (Programa Especial para Formação de Professores em Exercício); a minha experiência em sala de aula, os questionamentos e indagações, principalmente em relação à criança pequena – maternal III – crianças de 2 para 3 anos idade com quem atuo.

As respostas encontradas durante minha formação, as mudanças que o curso me proporcionou em relação à minha prática e o novo olhar em relação a importância do brincar e da brincadeira para o desenvolvimento dos meus alunos. Registro ainda a construção social e histórica da criança, a influência da televisão na brincadeira, a separação da brincadeira de menino e de menina, as brincadeiras e os brinquedos que utilizo com meus alunos; também incluo um breve histórico da constituição da Educação

Infantil no Brasil, e no último capítulo descrevo sobre o educar e o cuidar na escola para crianças pequenas (de 0 a 3 anos).

Nas considerações finais, faço algumas reflexões a partir dos dados teóricos e práticos, procurando mostrar um pouco da reconstrução da prática pedagógica ocorrida durante minha passagem por este curso, e demonstrando que o objetivo desta caminhada não foi a linha de chegada (o diploma), mas cada passo dado ao longo dos três anos.

No texto, denomino o local onde trabalho de “escola”, pois no ano de 2006, todas as creches da cidade passaram a se chamar Escola Municipal de Educação Infantil - EMEI.

1. INFÂNCIA

Até os oito anos de idade, morei em uma colônia de trabalhadores de uma usina hidroelétrica, no interior do Estado de São Paulo. Nesta colônia, havia aproximadamente vinte casas, todas muito grandes, rodeada de árvores frutíferas e um grande jardim na frente de cada uma. Até esta idade foram somente brincadeiras com outras crianças: subir em árvore, bola, amarelinha, procurar tesouros perdidos, bonecas de milho, escorregar de um barranco com papelão, carrinho de rolimã, bicicleta, de faz de conta: professora, mãe, cozinheira, motorista, médico; não tinha muitos brinquedos – tinha somente uma bicicleta e uma boneca, mas inventava as brincadeiras, num mundo imaginário, do qual incorporava através das minhas percepções e vivências as características necessárias para imitar quem eu quisesse. Conforme explica Lima (1994, p.9), “... as crianças imitam a vida adulta, de forma dinâmica, muitas vezes crítica e às vezes inovadora, demonstrando sobretudo uma observação atenta do que ocorre a sua volta”, nestas brincadeiras que fazia, imitava a vida adulta dos que me rodeavam, estava vivenciando diferentes papéis, que foram importantes para a construção da minha identidade.

Estudei da pré-escola até metade da segunda série na mesma escola, porém não me lembro das professoras, e da alfabetização só me lembro da cartilha Caminho Suave, do método de ensino, o tradicional, que apesar da repetição silábica, ditado, cópias e cópias, gostava muito de fazer tudo isto, pois estava aprendendo a ler! Livros eram raros na escola, em casa tinham alguns e minha mãe diariamente lia para mim. Brincadeiras e brinquedos também não existiam na escola, brincávamos somente de esconde-esconde e pega-pega no “terreiro” da escola – pátio sem cimento e com muitas mangueiras.

Devido o trabalho de meu pai, mudamos para a cidade de Americana, para mim foi muito difícil, mudança de método, professora, amigos, casa; quase fui reprovada de ano e a minha maior satisfação, foi ter conseguido me recuperar e passar para a 3^a. série com a ajuda da professora e também muito estudo. Nesta escola, não tive momentos com situações significativas em relação às brincadeiras, somente corríamos no intervalo e as vezes brincávamos de pular elástico.

Neste novo local onde morava, o espaço era maior, e as brincadeiras só aumentaram, pois, além daquelas já citadas, também tinha: parque infantil com balanço, gangorra, trepa-trepa, argolas, escorregador; duas piscinas e salão de jogos com pingue-pongue e futebol de mesa; e mais crianças para companhia nas brincadeiras. Nestas

brincadeiras começava a ter consciência de quem eu era, do mundo que me cercava e das relações que trocava com outras pessoas, neste contexto segundo Borba (2006, p.5-6):

A brincadeira não é algo já dado na vida do ser humano, ou seja, aprende-se a brincar, desde cedo, nas relações que os sujeitos estabelecem com os outros e com a cultura. Quando as crianças pequenas brincam de ser “outros” (pai, mãe, médico, monstro, fada, bruxa, ladrão, bêbado, polícia, etc.), refletem as suas relações com esses outros e tomam consciência de si e do mundo, estabelecendo outras lógicas e fronteiras de significado de vida. O brincar envolve, portanto, complexos processos de articulação entre o já dado e o novo, entre a experiência, a memória e a imaginação, entre a realidade e a fantasia.

Na infância, a brincadeira faz parte do “mundo” da criança e são as suas ações com o meio em que vive que fazem-na compreender o “mundo” adulto, isto através das relações com diferentes sujeitos e com as suas culturas, também através de resoluções de questões afetivas e sociais que contribuem para o seu crescimento.

2- MAGISTÉRIO E O PROESF

Morar distante da região central, foi importante para a escolha da minha carreira, acabou por limitar a minha opção dos cursos do segundo grau, restringindo-me apenas ao magistério e o colegial comum. Optei pelo magistério, teria um diploma, uma profissão, diferente do colegial de escola pública que não oferecia muita coisa.

O curso foi muito fraco, não deu experiência nenhuma para assumir uma sala, mesmo o estágio obrigatório não era preciso realizar, pois as professoras da rede estadual assinavam a folha de estágio para se ver “livre” de tantas estagiárias que havia na escola. Sem base teórica ou prática, terminei o magistério, desisti da carreira, pois na época não gostava.

Fiz vestibular em outra área, trabalhei por nove anos na indústria têxtil, no setor de qualidade e treinamento de pessoal, depois, por razões particulares saí da indústria, fiz concurso para professor de Educação Infantil, e quando fui chamada para assumir a sala, tinha em mente ficar somente por um tempo, mas estou há seis anos na rede municipal de uma cidade da região Metropolitana de Campinas (optei por não citar a cidade por motivos pessoais).

No início da carreira de professora de Educação Infantil, assumi uma sala de jardim I, numa escola de Educação Infantil na periferia da cidade, região com certa carência financeira; no começo pela falta de experiência prática e pela pouca teoria desatualizada, às vezes questionava-me se estava no caminho correto, pensava em voltar para a indústria. Mas, para superar as dificuldades de início de carreira comecei a procurar informações sobre crianças em cursos dados pela prefeitura, livros, revistas, e com outros professores da escola onde trabalhava. Foi o que me ajudou a continuar, aprender a trabalhar e apreciar a nova profissão.

Quando comecei a trabalhar com crianças, o mais importante era que elas ficassem quietas, paradas, só me ouvindo, parecido com o que acontecia antigamente: “A ordem reina na sala de aula – esta ênfase na disciplina converteu as escolas em algo muito parecido aos quartéis ou aos conventos beneditinos” (ENGUIITA, 1989, p.117). Provavelmente, isto aconteceu por eu ter tido uma educação tradicional, em que os alunos eram considerados vazios de conhecimento, não podiam falar, dar opiniões, somente receber o conhecimento pronto dos mestres.

Mesmo com toda a dificuldade de início de carreira, para minha surpresa, estava gostando do novo trabalho, apesar do problema em lidar com o novo da profissão:

preparar a rotina diária – o que trabalhar com as crianças, em que momento e quais os recursos utilizar; reuniões de pais – o que falar nestas reuniões e vencer o medo das perguntas dos pais que poderia não ter respostas na hora; ainda, lidar com situações inesperadas das crianças: brigas, choros, gritos, indisciplina.

Após dois anos com o jardim I, quase me acostumando com crianças desta idade (4 anos), assumi a sala de maternal III (este é o quarto ano que trabalho com este nível – 2 para 3 anos). Ao assumir esta turma foram muitos os desafios a superar: o de trabalhar com crianças menores, algumas crianças no começo do ano não falam direito, não conhecem nenhuma brincadeira dirigida, não sabem se cuidar sozinhas: usar o banheiro, escovar dentes, etc.

Apesar da brincadeira ter sido tão importante na minha infância, esqueci que era importante para as crianças, talvez o trabalho na indústria tenha limitado o meu pensamento em: produção, qualidade, treinamento, lucro, prejuízo, defeitos... Também à medida que crescemos, vamos deixando de lado o “artista” e o lado criativo que temos e que somos, deixamos de brincar e inventar, tornamos-nos bons críticos (de nós mesmos e dos outros). Notava, que apesar dos cursinhos, leitura e das conversas com colegas ainda era pouco (esta crítica pessoal foi positiva), estava com muitas indagações e sem respostas, foi aí que lançaram o vestibular do Proesf, realizei a prova e fui aprovada.

Nestes anos de faculdade, tivemos ótimos professores e disciplinas, estou certa que nesta busca de conhecimento, valeu o esforço em deixar os filhos, o marido, a casa, o sossego. Foram com as disciplinas de Educação de Zero a Seis Anos e Pedagogia da Educação Infantil, que mudei meu modo de pensar.

Hoje não quero que as crianças fiquem estáticas e imóveis. Com o brincar as crianças adquirem conhecimentos, fazem descobertas e aprendem, com isto transformei a minha prática da sala de aula e algumas estão inseridas neste memorial. Acredita-se que o lúdico deve estar inserido cotidianamente na prática escolar, neste sentido, podemos comprovar o que Marcellino (1990, p.85) diz:

... a Escola tem dado a sua contribuição, digamos eficaz, com relação ao furto do lúdico, em especial quando se considera a cultura da criança.

Raramente a atividade lúdica é considerada pela Escola, e quando isto ocorre, as propostas são tão carregadas pelo adjetivo educativo, que perdem as possibilidades de realização do brinquedo, da alegria, da espontaneidade, da festa. Ao invés do riso poético, a sisudez do realismo.

Relembrando o início da minha carreira como professora, percebo que confundia indisciplina com o brincar, e isto foi responsável por inserir muito mais conteúdos do que práticas lúdicas. Sem perceber estava contribuindo com o furto do lúdico dentro da escola de Educação Infantil, local em que o brincar e a brincadeira devem estar sempre presentes. Atualmente coloco a brincadeira na minha prática diária, pois através do brincar a criança aprende, sente alegria em estar na escola, mas este novo olhar só foi possível a partir das reflexões que o Proesf proporcionou-me .

3- A CONSTRUÇÃO SOCIAL E HISTÓRICA DA CRIANÇA

A infância foi sendo constituída ao longo do tempo, com importâncias diferenciadas em cada época específica, por isto , percebo a necessidade de escrever um pouco sobre ela e como foi sendo estabelecida em cada período histórico. Foi através do estudo de Arriès (1978), que pude compreendê-la melhor.

De acordo com o autor, a sociedade tradicional não via a criança com bons olhos e a infância era reduzida, quando mal adquiria crescimento físico, já passava a viver com adultos, partilhando de seus trabalhos e jogos, após o ingresso na sociedade dos adultos, a criança não se distinguia mais deles - de criança passava a ser adulto em miniatura, pulando a adolescência – juventude.

Enquanto bem pequena permanecia com a sua família e esta tinha um sentimento chamado de “paparicação”, as pessoas divertiam-se com ela, como se fosse animalzinho. Quando morria não existia um sentimento de perda, a família não era tocada emocionalmente pelo fato, pois logo viria outra para substituí-la, ela não saía do anonimato.

A transmissão de conhecimento e valor não era realizada pela própria família, a criança era afastada dos pais e outra família era responsável em educá-la, aprendia coisas que devia saber ajudando outros adultos, sendo que o contato familiar era pouco significativo. Devido a este afastamento, as experiências de afeto, relacionamento e sociabilidade eram realizados fora do círculo familiar, além de permanecer fora do círculo doméstico, não tinha brinquedos ou livros.

O autor ainda diz que a família tinha por missão a conservação dos bens, a prática de um ofício, ajuda mútua e proteção. O sentimento – o amor entre pais e filhos não era necessário à família e ao equilíbrio da mesma, se existisse seria melhor.

Posteriormente, com a família na sociedade industrial, a criança começa a ser vista diferentemente, em que a afeição começa a se tornar presente entre pais e filhos e a educação se dá de maneira importante na vida familiar. A família passa a organizar-se em torno da criança e a dar-lhe importância, ela sai do anonimato e a dor pela perda começa aparecer, o que desperta o sentimento de cuidar melhor, isto acaba acarretando uma redução voluntária de natalidade e a criança passa a ser respeitada pela família.

A casa da família (francesa), passa a ter divisões em cômodos, para uma melhor intimidade familiar, a família recolhe-se deixando de lado a rua, a praça e a vida coletiva. Neste contexto privado da família surge novo sentimento entre os membros da família e também entre mãe e filhos, inclusive a troca de carinho, a família passa a preocupar-se

com a higiene e a saúde física. A escola substitui a aprendizagem por meio da educação das crianças, estas deixam de se misturar com os adultos e deixam de aprender a vida com eles, inicia o processo da escolarização.

Neste contexto comprova-se que a infância é uma construção social e histórica, prova disto é que durante a Idade Média as crianças eram vistas como adultos em miniatura e somente mais tarde passou a ser vista diferentemente, passando a ser valorizada, sabendo-se que a criança é diferente dos adultos e apresenta comportamento próprio e deve ser tratada como tal.

Após estudo deste texto em sala Arriès (1978), que mostra a criança sendo vista como adulto em miniatura, comecei a refletir...

Será que a própria escola não está fazendo das crianças adultos em miniaturas com as suas atividades diárias, onde o que é mais importante são as atividades com registro no papel, deixando de lado as atividades de movimento, jogos e brincadeiras, o brincar de boneca, casinha, carrinho, mãe da rua, amarelinha, roda? Existem até alguns professores que chamam estas atividades de “trabalhinhos”.

Estão sendo priorizadas as brincadeiras nas quais a possibilidade de trocas de experiências com outras crianças, a expressão, a criatividade e a diversão afloram? A escola está oportunizando brincadeiras para as crianças poderem expor seus sentimentos, medos, angústias e alegrias?

Por muitas vezes dei ênfase ao registro no papel, hoje afirmo que o papel e o lápis não são as únicas ferramentas para propor uma atividade para a criança, o resgate das brincadeiras é imprescindível, e meu olhar para o brincar e a brincadeira mudou, sendo que me oportunizo a brincar e aprender com as crianças, possibilito que se sujem mais, corram, falem alto, às vezes gritem e rolem na grama.

Quando estamos trabalhando fora da sala permito que parem a atividade para acenar para o avião, para o motoqueiro, para o lixeiro, para o motorista do caminhão de gás, para o jardineiro, para os pássaros... A criança é uma produtora de cultura, que se expressa com o corpo, que interage com as outras crianças, pessoas e com a natureza, a criança apresenta as cem linguagens e devemos explorá-las ao máximo...

Insiro aqui a poesia que a professora Zilda nos apresentou na disciplina de Pedagogia da Educação Infantil, quando estudamos a educação para a infância em Reggio Emilia, “As cem linguagens da criança” de Loris Malaguzzi:

As cem linguagens da criança

*A criança é feita de cem.
A criança tem cem linguagens
cem mãos
cem pensamentos
cem maneiras de pensar
de brincar e de falar.
cem, sempre cem
jeitos de escutar
de se surpreender, de amar.
Cem alegrias
para cantar e compreender
cem mundos
para descobrir
cem mundos
para inventar
cem mundos
para sonhar.
A criança tem
cem linguagens
(e mais cem, e cem, e cem).*

Mas roubaram-lhe noventa e nove.

*A escola e a cultura
separam-lhe a cabeça do corpo.*

*Dizem-lhe:
que pense sem as mãos
que aja sem a cabeça
que escute e não fale
que compreenda sem alegria
que ame e se maravilhe
unicamente na Páscoa e no Natal.*

*Dizem-lhe:
que descubra o mundo que já existe
e, de cem, roubam-lhe noventa e nove.*

*Dizem-lhe:
que a brincadeira e o trabalho*

*a realidade e a fantasia
a ciência e a imaginação
o céu e a terra
a razão e o sonho
são coisas que não andam juntas.
E dizem-lhe
Que as cem não existem.
A criança diz:
“Ao contrário, as cem existem”.*

Como pronuncia a poesia acima, a criança apresenta cem linguagens, devemos explorá-las todas elas e não somente a escrita, proporcionando a criança que experimente com as mãos, que realize pensamentos, que brinque, fale, sinta, fantasie, imagine, escute e brinque... A criança deve ser criança e não um adulto em miniatura.

Muitas escolas e professores têm o hábito de “separar” a criança em duas partes, ou seja, trabalha só com a cabeça e o restante fica esquecido, contudo para a criança o corpo é um todo e necessita ser trabalhado com tal.

4- BRINCAR E BRINCADEIRAS

Vimos que na sociedade tradicional a criança mal adquiria crescimento físico e passava a viver com adultos, partilhando de seu trabalho e jogos. Já crianças dos dias atuais, diferentemente da infância que tive, não podem brincar em casa devido ao pouco ou nenhum espaço onde vivem, pois moram em casas pequenas sem quintal ou em apartamentos. Brincar na rua nem pensar! Com a violência das cidades, até nas de interior já não é mais possível ficar nas ruas, ainda mais com a grande quantidade de carros, motos e ônibus circulando. Para agravar a situação, muitas cidades não dispõem de parques infantis, praças e locais disponíveis para a criança brincar. E quando existe algum parque próximo a região da casa, os pais não levam; comprovei isto em pesquisa realizada com os pais no início deste ano (2008), poucos levam as crianças para brincar, ou lêem histórias para elas, devido a falta de tempo e a correria do dia-a-dia.

Daí o grande valor da escola ter este espaço acessível, principalmente a de crianças pequenas que permanecem na escola o dia inteiro. Não se deve deixar o movimento da criança bloqueado, limitando o corpo, limitam-se as idéias, pensamento e imaginação, pois a linguagem da criança é corporal.

A escola de Educação Infantil tem que ser um lugar onde as crianças sentem prazer em ficar, lugar que ensina e educa de forma lúdica, oportunizando que se relacionem com outras crianças e adultos, tem que ser o lugar onde a criança queira estar redescobrando a infância, nesse sentido:

... fazendo da creche um oásis, um lugar onde se torna criança, onde não se trabalha, onde se pode crescer sem deixar de ser criança, onde se descobre (e se conhece) o mundo através do brincar, das relações mais variadas com o ambiente, com os objetos e as pessoas, principalmente entre elas: as crianças. Assim, ao invés de falarmos no desaparecimento da infância como alguns estudiosos estrangeiros vem fazendo, poderemos falar em uma nova descoberta da infância.

(FARIA, 1999, p.72)

A escola é um dos espaços mais ricos para a aprendizagem da criança, e é através do brincar que relaciona-se com outras crianças, com o ambiente, objetos e adultos, é o local onde se pode proporcionar a criança a viver a sua infância, o que muitas vezes em casa isto não é possível, por permanecer sozinha sem companhia de outros pequenos e ter somente a televisão como companheira.

Confirma-se a necessidade do brincar e do movimento nos Parâmetros Nacionais de Qualidade para Educação Infantil (2006, p.19):

“As crianças precisam ser apoiadas em suas iniciativas espontâneas e incentivadas a:

- brincar;
- movimentar-se em espaços amplos e ao ar livre;
- expressar sentimentos e pensamentos;
- desenvolver a imaginação, a curiosidade e a capacidade de expressão;
- ampliar permanentemente conhecimentos a respeito do mundo da natureza e da cultura apoiadas por estratégias pedagógicas apropriadas;
- diversificar atividades, escolhas e companheiros de interação em creches, pré-escolas e centros de Educação Infantil.

Também comprova-se no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, vol.1, p.13, acréscimo meu):

... a qualidade das experiências oferecidas que podem contribuir para o exercício da cidadania devem estar embasadas nos seguintes princípios: (cito somente o segundo princípio):

- o direito das crianças a brincar, como forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação infantil.

Ainda, nos objetivos gerais da Educação Infantil (RCNEI, 1998, vol.1, p.63, acréscimo meu):

A prática da Educação Infantil deve-se organizar de modo que as crianças desenvolvam as seguintes capacidades:

- (item 6): - Brincar, expressando emoções, sentimentos, pensamentos, desejos e necessidades.

De acordo com este Referencial (1998), a brincadeira ocorre no plano da imaginação da criança, isto implica que, aquele que brinca tem o domínio da linguagem simbólica. Assim, para a criança brincar é necessário que ela se aproprie de elementos da realidade imediata de tal forma que atribua novos significados. Esta brincadeira se dá entre a articulação da imaginação e a imitação da realidade, porém esta última é sempre inovadora.

Com a brincadeira a criança tem a sua auto-estima estimulada, torna-se criativa, aprende a fazer escolhas e começa a deparar-se com situações que devem ser solucionadas. Nas brincadeiras de faz de conta aprende a diferenciação de papéis, quando brincam como se fossem outras pessoas, pai, mãe, filho, médico, etc. imitam e recriam personagens do seu dia-a-dia.

Vários autores estudaram a brincadeira e o brincar, tomo pensamentos de alguns deles para refletir sobre o tema.

Para Walter Benjamin (1984 apud PEDROZA, 2005), o brincar significa a libertação, quando brincam as crianças criam para si um mundo próprio. As brincadeiras e os jogos não trazem por si só o lúdico, mas as próprias crianças nas brincadeiras, que transformam em um momento lúdico, de fantasia e realidades.

Para Winnicott (1975 apud PEDROZA, 2005), o brincar por si só, é uma atividade terapêutica com possibilidade de autocura. Brincar é sinal de saúde, pois dificilmente uma criança que está bem se nega a entrar numa atividade lúdica.

Para Gisela Wajskop (2001, p.25), a brincadeira é uma atividade em que as crianças assimilam e recriam as experiências sócio-culturais dos adultos, nas palavras da autora:

A criança desenvolve-se pela experiência social, nas interações que estabelece, desde cedo, com a experiência sócio-histórica dos adultos e do mundo por eles criado. Dessa forma, a brincadeira é uma atividade humana na qual as crianças são introduzidas constituindo-se em um modo de assimilar e recriar a experiência sócio-cultural dos adultos.

A criança brinca primeiramente por ter a vontade de entender como ocorrem as relações sociais e como é o mundo dos adultos, outro motivo pelo qual a criança brinca é querer experimentar sensações, vivenciar outras formas de colocar-se no mundo, em que ela se imagina: como médico, jogador, dentista, professor, pai, mãe, etc. Quando a criança vivencia diferentes papéis no faz de conta ela aprende, cresce e amadurece com os papéis vivenciados.

O brincar proporciona à criança o desenvolvimento da criatividade, a competência intelectual, a força, a estabilidade emocional, o sentimento de alegria, o prazer (ocasionalmente o desprazer). Com o brincar é trabalhado o movimento, a oralidade, a imaginação, a criança apropria-se de conhecimentos e sentimentos e perpetua a cultura, quando brinca toma para si elementos da vida real e atribui novos significados, interagindo através das brincadeiras nas quais existem oportunidades de resolução de conflitos, tomada de decisões e superação de desafios.

As brincadeiras de faz de conta também são conhecidas como jogo simbólico, neste jogo a criança usa um símbolo, ou seja, a criança considera uma coisa sendo outra, ela utiliza a imaginação para isto, um palito de sorvete vira caneta, lápis, colher, garfo, etc., tudo depende da capacidade de imaginação da criança. Na tentativa de compreender

o mundo do qual fazem parte, as crianças tentam satisfazer suas necessidades intelectuais e afetivas, modificam o real em função do seu desejo (VIGOTSKI, 1998).

Para Vigotski (1998, p.121) o brincar não dá prazer, pois existem coisas que a criança sente mais prazer e ainda, tem atividades nas quais o resultado final não é agradável, sentindo o desprazer. No texto, o autor afirma:

Definir o brinquedo como uma atividade que dá prazer à criança é incorreto por duas razões. Primeiro, muitas atividades dão a criança experiências de prazer muito mais intensas que o brinquedo, como, por exemplo, chupar chupeta, mesmo que a criança não se sacie. E, segundo, existem jogos nos quais a própria atividade não é agradável, como, por exemplo, predominantemente no fim da idade pré-escolar, jogos que só dão prazer à criança se ela considera o resultado interessante.

Comprova-se esta afirmação nos jogos, para o vencedor é um prazer o jogo ou a brincadeira, mas, para o perdedor o desprazer. A medida que crescemos começamos a aprender com isto, apesar da frustração, aprendemos que se perdemos o jogo por exemplo, devemos treinar mais, nos dedicar, etc. Porém, a criança pequena não tem este entendimento, mesmo assim, ela começa a trabalhar o seu desprazer desde muito cedo, por exemplo, quando distribuímos uma motoca e duas ou três crianças a querem, incentivamos que tentem entrar num acordo, apesar do desprazer inicial, a criança começa a solucionar problemas, definindo quem fica com a motoca e por quanto tempo.

Mas o que é o brinquedo? Ele é o objeto da brincadeira e qualquer objeto pode ser o brinquedo, desde o corpo até outros instrumentos. Utilizo a definição de brinquedo de Vânia Maria Cavallari (2006, p.57), para quem:

O brinquedo é o objeto que pode ser usado na recreação. Ele é o instrumento da brincadeira. Qualquer objeto pode ser brinquedo, inclusive o corpo. O corpo, que é instrumento de movimento, pode ser brinquedo, instrumento de brincadeira.

A criança tem o poder da imaginação a ponto de transformar qualquer objeto em brinquedo (fantasia, faz de conta, brinquedo simbólico).

... Na Educação Infantil, o brincar estará sempre presente, pois é brincando que a criança entende o mundo. É brincando que ela aprende. Por meio da brincadeira a criança interage com o meio (objetos, pessoas).

Muitas vezes ficava aprisionada aos horários e planejamentos deixando sempre a brincadeira para depois, brincar era somente no parque, areia e pátio, hoje tenho colocado o brincar diariamente na minha prática, pois compreendi que o brincar traz uma dimensão cultural e participa ativamente no processo de constituição do conhecimento e da formação da criança. Para aprender a brincar a criança tem que praticar brincando.

Assim, para Borba (2006, p.7), “é importante ressaltar que a brincadeira não é algo dado na vida do ser humano, ou seja, aprende-se a brincar, desde cedo, nas relações que os sujeitos estabelecem com os outros e com a cultura”.

Também muitas vezes fazia uso da brincadeira quando tinha um objetivo, principalmente no eixo movimento e não deixava a criança brincar por brincar, fazendo com que o lúdico se perdesse na escola. Novamente as palavras de Marcellino (1990, p.85), são cabíveis para o momento: “...as propostas estão tão carregadas pelo adjetivo educativo, que perdem as possibilidades de realização do brinqueado, da alegria, da espontaneidade, da festa.”

4.1- BRINCADEIRAS E A TELEVISÃO

Continuando mais um pouco no processo histórico...

Na sociedade industrial a escola passa a ser responsável pela aprendizagem por meio da educação das crianças, esta deixa de se misturar com os adultos e deixa de aprender a vida com eles, inicia o processo da escolarização (ARRIÈS, 1978).

Com o capitalismo a família já se estrutura diferentemente, a criança fica em casa muitas vezes sozinha, sem a mãe e como não pode mais brincar nas ruas devido a violência e ao trânsito das grandes cidades, fica assistindo televisão, jogando vídeo game e retendo informações sobre estes entretenimentos. Outras vão para a escola (creches), que são responsáveis juntamente com a família em educar as crianças.

Sabe-se que alguns dos nossos alunos assistem televisão diariamente em casa à noite e durante o final de semana. Alguns chegam sonolentos à escola e até cochilam na mesa durante o café da manhã.

Muitas vezes os pais deixam a criança assistir qualquer programa sem nenhuma análise e durante a semana ela vem para a escola falando do que assistiu e querendo fazer o que viu nos filmes – lutas, brigas, socos e pontapés. O problema torna-se maior quando os pais não consideram o tema polêmico, sem condições de avaliar a mensagem transmitida pela televisão, permitindo que as crianças assistam a programas impróprios para a idade com cenas de violência e sexo.

Outro ponto a ser analisado é que a televisão reúne a família, isto principalmente à noite e muitas pessoas passaram a ver a televisão como lazer, crianças e pais assistem a filmes, novelas, noticiários, propagandas e simplesmente a informação é interiorizada como boa e divertida.

Isto está muito presente nas brincadeiras com monta tudo (“lego”), porque querem montar armas e brigar, bater para ver quem é o mais forte, pois além do que vêm na televisão, muitas vezes presenciam cenas de violência também em casa. De acordo com Sonia Kramer (2005, p.7), a agressividade nas brincadeiras é reflexo do que a criança vive em casa, e a criança coloca isto para fora como forma de se expressar, sendo assim:

A criança manifesta toda a violência e a tragédia que ela vive no cotidiano porque a gente está vivendo num contexto de barbárie. Cabe a nós olhar para o nosso cotidiano e pensar que não podemos mudar o mundo, mas podemos mudar o nosso mundo. A gente pode interferir pensando nos valores que estamos construindo e nas condições de compreensão do mundo que estamos oferecendo.

Quando esta representação nas brincadeiras torna-se muito freqüente, paramos a brincadeira e conversamos com a criança sobre a sua atitude e que a violência para com o colega, não é boa; ela é questionada sobre o que está fazendo, falamos que não pode fazer igual na televisão, pois machuca e ninguém gosta disto, ensinamos que todos gostam de carinho e incentivamos o pedido de desculpas. Outras vezes, somente a conversa com a criança não é suficiente, os pais também são envolvidos no processo para que possamos resolver o problema juntos, escola e família.

Outro agravante é a falta de atenção, mãe trabalha o dia inteiro, a criança fica na creche, e a noite os pais têm que fazer os afazeres domésticos, então a televisão torna-se a companhia das mesmas, tal como explica Steinberg e Kincheloe (2001, p.56):

Aumentado o tempo de abandono e afastamento, as crianças contemporâneas se voltaram para a televisão e o videogame como forma de preencher o tempo sozinhas.

A mídia dita regras e costumes, impõe o que ser, como ser e quando ser, mas neste memorial cito somente a televisão pois é o meio de comunicação mais acessível à turma com quem trabalho. Daí, a importância de utilizar a televisão a nosso favor na educação das crianças, oportunizando programas que certamente a criança aprenderá algo e ainda programas que provavelmente não assistiriam em casa.

Na escola onde trabalho o horário da televisão é programado, existe uma análise prévia na aquisição dos filmes pela escola e as crianças assistem no máximo 3 horas semanais de televisão divididos no período da manhã e no da tarde. Isto possibilita a diversificação de atividades lúdicas, evitando na escola a massificação causada pela televisão. Neste sentido:

O mais freqüente é a educação infantil atender crianças encharcadas de mídia. O que os educadores devem fazer é trazer um mundo alternativo; não referendar o que é massificado. Colocar outras obras musicais, outros textos, outros programas infantis...

... Deve-se abrir o leque de opções de valores para que a criança forme seus próprios. Se a escola não fizer isso, quem vai fazer? (TAILLE, 2005, p.6)

Temos a preocupação em trazer conteúdos educativos, como os da TV Cultura e filmes que complementam projetos que estão sendo trabalhados em sala. Por exemplo, quando estamos trabalhando o tema corpo, incluimos DVD com músicas infantis que priorizam os nomes das partes do corpo. Outras vezes porém, assistimos aos filmes com a função exclusiva de diversão.

4.2- BRINCADEIRAS DE MENINO E DE MENINA

Na escola onde trabalho, havia a brinquedoteca (atualmente a sala que ocupo com a turma de maternal III – não é mais brinquedoteca), dividia a sala em meninos e meninas, deixava as meninas brincarem na cozinha e os meninos com os carrinhos. A divisão de crianças era necessária, pois não dava para todos ficarem em um só lugar devido a quantidade de alunos, mas, comecei a observar que alguns meninos também queriam brincar na cozinha, e por sua vez algumas meninas queriam os carrinhos, bozinhos e trator, expressavam as suas vontades ora pedindo para brincar, ora indo sem pedir.

Com o estudo da disciplina de Sexualidade do 5^o semestre na faculdade, comecei a observar que estava praticando ações inconscientes, e que só me dei conta no decorrer do curso, com a abordagem na questão de gênero como construção cultural, social e histórica.

Igualmente estava acontecendo com a caixa de brinquedos que fica dentro da sala, não estava oportunizando à criança a escolher com o que queria brincar e estava separando: meninos com carrinhos e meninas com bonecas. Agora retiro o brinquedo da caixa e pergunto quem quer aquele brinquedo, dando liberdade tanto ao menino, como à menina para brincar com todos os tipos de brinquedos que escolherem.

Novamente, minha atitude em relação às motocas: motoca rosa para as meninas e as azuis para os meninos, para a brincadeira de giz no chão ou na lousa, também selecionava as cores relacionando ao sexo da criança. Mas quem convencionou isto? Por que estava agindo desta forma? Analiso que este comportamento tenha sido fruto de uma educação tradicional e também de uma sociedade que implantava valores culturais padronizados, mas agora, as oportunidades de escolhas tanto para os meninos quanto para as meninas foram ampliadas.

Muito proveitosa, foi a realização do projeto “Sítio do Picapau Amarelo”, já no segundo semestre de 2007, em consenso com as quatro professoras da EMEI – duas do jardim I e duas do maternal III, no qual foi trabalhado em sala o autor, os personagens, o livro do Sítio, vídeo e músicas.

Pedimos para a sala de costura do município fazer uma Emília para cada turma e cada criança levaria para casa para passar um final de semana, com o objetivo da criança interessar-se pelo projeto, criar responsabilidade com o brinquedo, propiciar a criança momentos de brincadeira com a boneca (independente do sexo).

Antes de enviar o brinquedo, reuni os pais, expliquei sobre o projeto do “Sítio do Picapau Amarelo”, que todas as crianças levariam para casa a Emília em um final de semana, tanto as meninas quanto os meninos, e quando a Emília retornasse para a escola deveria trazer por escrito o que aconteceu na casa da criança. Fiz a reunião com bastante receio, imaginando que os pais dos meninos não iriam concordar. Durante a reunião não falaram nada, ninguém se manifestou e a boneca começou a ir para a casa das crianças. Para a minha surpresa a receptividade foi tão boa, que todos que levaram a Emília gostaram muito, tanto os pais quanto as crianças. A boneca passeou muito: foi à festa, ao sítio, ao médico, à casa de avós e tios, andou de bicicleta, moto, carro, etc.

Reporto-me ao texto “Sexualidades e Infâncias”, que aborda as brincadeiras de criança com a divisão feita pelos adultos, pais e professores com preconceitos de que menina e menino têm brinquedos ou brincadeiras certas para cada um:

Para nós, profissionais de diferentes áreas que trabalham com a sexualidade humana, a lição que fica da análise das idéias de Foucault é a necessidade de estarmos atentos quando, na prática profissional, induzimos, incitamos, desviamos, tornamos mais fácil ou mais difícil, produzimos, ampliamos ou limitamos o tema da sexualidade. Nessas práticas se exercita o poder, modelando corpos e mentes. São nessas relações de poder que se estabelecem verdades e se constituem os sujeitos – crianças, adolescentes, homens e mulheres. (CAMARGO; RIBEIRO, 1999, p.32)

Após a disciplina de sexualidade, verifico que o professor deve oferecer às crianças oportunidade de vivenciar diferentes papéis dentro da escola, para que possa contribuir na construção de sua identidade. Ainda, o professor não deve impor suas crenças e preconceitos, como podemos confirmar no texto “O Enigma da Infância”:

A criança expõe-se completamente ao nosso olhar, se oferece absolutamente às nossas mãos e se submete, sem resistência, para que a cubramos com nossas idéias, nossos sonhos e nossos delírios. Dir-se-ia que o recém-nascido não é outra coisa senão aquilo que nós colocamos nele. (LARROSA, 2003, p.187)

Com os conhecimentos obtidos nesta disciplina, muitos paradigmas foram quebrados, visto que consegui identificá-los e corrigi-los com esta última turma.

5- O DIA-A-DIA NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Onde trabalho, o planejamento é feito semanalmente e temos como base o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), em que as atividades devem contemplar um eixo por dia da semana: música, movimento, matemática, natureza e sociedade; os eixos identidade e autonomia são trabalhados diariamente em conversas informais, quando ensinamos a tratar o colega, a se cuidar, conhecer seus limites, respeito consigo e com o próximo; a linguagem oral e escrita é trabalhada nas escritas na lousa e cartaz, em conversas informais, conversas na roda, na leitura diária com diversos portadores de leitura: bilhete para os pais, gibis, livros diversos, listas, poesias, mas o que gostam são os livros clássicos como Chapeuzinho Vermelho, Os Três Porquinhos, e a Branca de Neve. Além da leitura diária para as crianças, ensiná-las a manusear livros também é muito importante.

Lembro-me que diariamente após o trabalho, minha mãe lia histórias para mim e meus irmãos, até hoje recordo-me pedindo mais uma, e mais uma, incansavelmente. O hábito de ler se constitui na infância, as crianças com quem atuo, não tem contato com a leitura em casa, por falta de tempo dos familiares ou por não ter livros em casa nem acesso aos mesmos, a escola deve suprir isto, oportunizando que a leitura seja diária e prazerosa, visto que assim como o brincar que se aprende brincando, ler também se aprende lendo e manuseando os livros, neste sentido:

...o papel essencial da escola, de um modo geral, e da escola da infância, em particular, é criar nas crianças novas necessidades, novos desejos, novos interesses de conhecimento. O papel da escola, de um modo geral, e da escola da infância, em particular, é proporcionar às crianças um mergulho no mundo da cultura...

...não lemos para as crianças desde pequeninas para que elas criem o gosto pela leitura, mas porque a leitura lhes dá prazer, permitem que elas conheçam o mundo, que imaginem, que se sintam estimuladas a contar histórias, que criem seus personagens e suas histórias. (MELLO, 2005, p.48)

Além da atividade diária por eixo, da leitura, roda da conversa, na semana são programadas atividades dirigidas como: pintura, recorte, colagem, jogos próprios para idade, brincadeiras de roda. Diariamente, também é disponibilizado um horário para atividade livre, normalmente das 10:00h às 11:30h, neste período a criança brinca livremente, no parque, na areia, no gramado ou pátio com bola, brinquedos, velotrol, por exemplo.

As crianças permanecem o dia todo, mas fico na escola até às 11:30h, em seguida almoço, dormem, lancham e realizam mais uma atividade à tarde com as monitoras, que pode ser: parque, areia, televisão ou uma atividade na sala como pintura, massinha, etc., tomam banho, jantam e retornam para casa.

5.1- BRINQUEDOS QUE UTILIZO E BRINCADEIRAS QUE FAÇO NA ESCOLA COM MEUS ALUNOS

Antes de citar o que realizo com meus alunos, reafirmo que a brincadeira deve estar presente no dia-a-dia da Educação Infantil, que através da brincadeira a criança tem a elevação de sua auto-estima, torna-se criativa, realiza escolhas e depara-se com situações que devem ser solucionadas, imitam, recriam personagens do seu cotidiano, e acima de tudo aprendem e se desenvolvem. As atividades com papel são muito importantes, mas não é somente esta linguagem que deve ser utilizada pela criança.

- Construção de brinquedos: Pude comprovar que as crianças gostam de brinquedos simples e aqueles que tem participação em sua confecção, ou seja, quando ela é produtora. Nestas atividades as crianças sentem o material, colocam o sentimento e a criatividade no desenvolvimento do brinquedo, aprofundam o conhecimento da transformação da matéria prima em produto final.

Realizamos a construção de: peteca, fantoche, pipa, chapéu, barco, cata-vento. Estas atividades normalmente são realizadas da seguinte maneira: a construção do brinquedo é feita em sala pelo aluno com o nosso auxílio (professora e monitora) e a utilização do brinquedo é no pátio ou gramado e no final do dia levam para casa.

- Sucatas: Brinquedos velhos e faltando alguma parte, latas, garrafas, etc. Até o Proesf, simplesmente colocava o brinquedo no chão e deixava que brincassem, atualmente analiso como a criança dá nova significação ao objeto e isto é muito interessante, o carrinho quebrado vira telefone, o fogão vira carro, a garrafa de plástico vira espada, etc.

- Quebra-cabeça/jogos: Quebra-cabeças com poucas peças, jogos de encaixe e jogo da memória.

No quebra-cabeça e no jogo de encaixe as crianças apresentam um pouco de dificuldades no início, pois não conseguem montar ou encaixar, ficam bravas, às vezes falam que não querem brincar mais, o apoio e o incentivo são muito importantes para não ocorrer o desânimo. Deve-se analisar o grau de dificuldade, pois se for muito fácil não oferece desafio nenhum para a criança, e se for muito além de sua capacidade, ela desanima e desiste do brinquedo. Quando comecei a trabalhar não tinha a preocupação

em analisar o grau de dificuldade do brinquedo, atualmente compreendo que a aprendizagem da criança se dá em fases e esta deve ser respeitada.

O jogo da memória, também é um jogo que percebo que o professor deve ser o facilitador, pois quando começamos a ensinar, as crianças só querem manipular as peças, ver as figuras, depois de um tempo começam a jogar, primeiramente impondo as suas regras e só mais tarde conseguem entender como jogar realmente.

Antes do conhecimento teórico obtido na faculdade, muitas vezes fiquei brava com as crianças, pois não queriam jogar de acordo com as regras estipuladas por mim, queriam conhecer o objeto, manipula-lo, agora entendo que isto é perfeitamente normal. Atualmente, antes de ensinar qualquer jogo, possibilito que explorem ao máximo o material.

- Imitar animais ou coisas: A brincadeira proporciona movimentos que possibilitam que o corpo se alongue, também promove movimento: suave, lento, rápido, agitado, ainda pode ser de: arrastar, andar de 4 apoios, engatinhar, pular, pular com um pé só, batendo palmas, etc., também gostam muito de imitar os sons dos animais.

No início da carreira de professora não dava esta brincadeira devido o “barulho e a bagunça”, hoje compreendo que além da diversão e descontração a brincadeira é muito importante pois adquirem a consciência do seu próprio corpo.

- Jogos com troca de lugar: A criança tem que se deslocar de um lugar para o outro trocando com o colega. Através desta brincadeira ocorre um amadurecimento mental, exige grande agilidade e atenção em ver e correr ao mesmo tempo.

No começo quando ensinamos a brincadeira as crianças apresentam muita resistência em deixar o seu lugar e procurar outro. Conseguem fazer isto depois de algum tempo, novamente a intervenção é fundamental para o aprendizado da criança, depois de um tempo, a brincadeira flui de modo divertido, o egocentrismo começa a ser superado – resistência em deixar seu lugar. Exemplo de brincadeira que faço: coelho sai da toca, dança da almofada, dança da cadeira.

Realizo estas brincadeiras com ou sem música, depende do lugar onde estou. Já realizei muitas vezes estas brincadeiras com vencedor, mas a medida que as crianças eram eliminadas choravam, brigavam e ficava um clima muito desagradável. Novamente cito as palavras de Vigotski (1998), pois se encaixa muito bem neste contexto, o brincar

não dá prazer, pois existem coisas que a criança sente mais prazer, existem atividades nas quais o resultado final não é agradável, para o perdedor. Realizo estas brincadeiras de maneira que não exista um vencedor e a brincadeira termina quando cansam.

- Brincadeiras de roda: Dispondo as crianças em roda com música e coreografia, estas brincadeiras exercitam o raciocínio, a memória, estimulam o gosto pela música e poesia. Algumas vezes brincamos de roda ouvindo e cantando com o auxílio de CD.

Nas brincadeiras de roda, pode-se dizer segundo Yogi (2003), que são atividades recreativas que envolvem o corpo, o ritmo e o movimento, são passados de geração em geração, como forma de divertimento, estas brincadeiras levam a criança a uma identificação sócio-cultural, conscientizando da sua existência e também a dos seus colegas formando a noção do “nós”.

A formação circular facilita às crianças a melhor atenção auditiva e visual. A criança tem oportunidade de vivenciar, em grupo noções de coordenação espaço-temporal usando seu próprio corpo, aprendendo noções de “dentro” e “fora”, “perto” e “longe”, “ser” e “não ser”, etc. Neste momento a criança manifesta alegria, medo, virtude, frustração, angústia, inveja, agressividade, de forma permissível socialmente. É uma forma da criança imaginar, dividindo a sua fantasia com o outro.

Na brincadeira de roda há um fortalecimento das relações humanas como a amizade, companheirismo, troca de carinho e afeto, sentimentos que acompanham uma pessoa durante a vida toda.

- Músicas/parlendas: Utilizo músicas de três maneiras, cantando junto com as crianças, podendo ser em qualquer lugar: na sala, no pátio, no quiosque. Também ouvimos música, cantamos e dançamos com o CD e na sala de televisão assistimos o DVD, nesta sala só ouvimos, cantamos e gesticulamos, dançar não é possível devido ao pequeno tamanho da sala.

Salienta Yogi (2003), que a música tem o dom de envolver, unir, encantar, despertar emoções e desejos nas crianças. Por intermédio da música a criança extravasa suas angústias e medo, o que muitas vezes contribui para o desenvolvimento do potencial criativo, que incide diretamente na sua aprendizagem.

A música na escola representa a alegria, a descontração, ajuda na memorização, na coordenação motora (gestos). Por exemplo “minha boneca de lata, bateu a cabeça no chão...”, quando falamos a parte do corpo que a boneca bateu no chão a criança tem que

localizá-la no seu próprio corpo, com isto aprende de maneira agradável, sem utilizar o modo antigo de memorização (educação tradicional).

Gostam muito também das parlendas, que além de entreter, acalmam, divertem, auxiliam na aprendizagem, exercitam a dicção, a pronúncia correta das palavras difíceis. Por exemplo:

O rato roeu a roupa do rei de Roma.

A galinha do vizinho bota ovo amarelinho, bota 1, bota 2 ...

- Atividades com papel: Pintura no papel (com: guache, cola colorida, giz de cera, giz de lousa), colagem (tecido, papel, flor, folhas, palitos), recorte de revista, jornal, panfletos. Utilizo aqui o nome de “atividade”, mas para a criança ela vê como brincadeira quando isto é bem dosado e aplicado de maneira lúdica.

Recordo a poesia de Loris Malaguzzi “As Cem Linguagens da Criança”, a criança apresenta cem linguagens, e todas devem ser exploradas não somente as atividades no papel. A criança só verá esta atividade de forma prazerosa, se for bem aplicada, não de forma cansativa e estafante.

Muitas vezes depois da conclusão da atividade, fazemos uma roda e socializamos a produção de cada um, vemos nos olhos de cada um a alegria em mostrar a sua “arte” para os colegas.

- Brinquedos e Brinquedos de Montar: Bonecas, carrinhos, bichos de pelúcia, fogão e panelas, cavalinho, bambolê, bola, velotrol, monta tudo – lego, pequeno construtor, barras coloridas.

Nestas atividades o professor deve estar atento aos diálogos das crianças, pois é através destas brincadeiras que expressam seus medos, angústias, desejos, vivências, ainda imitam outras pessoas, inclusive nós professores, a nossa fala e o nosso gesto.

- Amarelinha: Às vezes brinco com as crianças de amarelinha, mas devido a pouca idade, ainda não apresentam desenvoltura para pular corretamente, ou seja, com um pé só e em seguida com dois. Isto deve ser respeitado, pois ela ainda não consegue pular, mas conseguirá no tempo correto.

Em março de 2008, foram pintadas duas amarelinhas no chão do pátio da escola, uma tradicional e uma caracol, vejo nesta atitude que as crianças fiquem motivadas a pular quase que diariamente.

- Parque e tanque de areia: Estes dois espaços não podem faltar em nenhuma escola de Educação Infantil, na escola em que trabalho, existem dois parques, sendo um bem grande com brinquedos de metal e um pequeno com brinquedos de plástico.

No parque, sentem a grande liberdade em poder correr, pular, escorregar, ver as coisas de diversos ângulos: de cima do trepa-trepa, de ponta-cabeça, do alto da escada e rodando no gira-gira. Muitas vezes cansam de ficar nos brinquedos, brincam de pega-pega, de correr atrás das borboletas e insetos, de procurar formigas e objetos diferentes na grama.

No tanque de areia podem experimentar sensações de manipulação da areia, pedras, folhas, construir casas, bolos e castelos, e em dias de calor a possibilidade de banho de mangueira e brincar com barro.

Conforme visto acima, apresento uma descrição de alguns brinquedos e brincadeiras que utilizo na minha prática pedagógica, estas práticas estão relacionadas diretamente ao brincar, que proporcionam que a criança aprenda, relacionam-se com outras crianças, façam diálogos, resolvam conflitos, vivenciem situações diversas e utilizem a criatividade.

Vimos na disciplina Escola e Currículo, no 6º. semestre da faculdade (2008), alguns clássicos da educação, e o que mais me chamou a atenção foi Rousseau, que mesmo tendo elaborado a sua teoria há mais de 240 anos atrás, ela é bem atual em relação à criança e o brincar. Rousseau em seu livro Emílio publicado em 1762 (tradução no Brasil em 1995), já citava que a criança deveria brincar e aprender através das brincadeiras, considerava cada fase da vida como tendo características próprias, tanto o homem como a sociedade se modificava e a educação era o elemento fundamental para a necessária adaptação a essas modificações. Se cada fase da vida tem suas características próprias, a educação inicial, não poderia mais ser considerada uma preparação para a vida.

Ao contrário da rígida disciplina e excessivo uso da memória, propôs serem trabalhados com a criança: o brinquedo, o esporte, a agricultura e o uso de instrumentos de variados ofícios, a linguagem, o canto, a aritmética e a geometria. Através dessas atividades a criança estaria medindo, contando, pesando. Estariam sendo desenvolvidas atividades relacionadas à vida e aos seus interesses. Rousseau citava que a idade de cada criança deveria ser respeitada, não a esgotando com exercícios e atividades que a exercite e a canse demasiadamente, a criança precisa brincar e se divertir.

Observo que antes do Proesf, pela minha pouca prática e teoria pobre em conhecimento, considerava que o conteúdo, o trabalho no papel fosse o mais importante, mas depois destas reflexões que já foram citadas aqui e em outros capítulos, proporciono que a criança brinque. Antes, não dava brincadeiras no pátio com receio que gritassem e dessem risada. Não incentivava brincadeiras de corrida por medo que se machucassem.

Considerava que o brincar tinha horário e local pré-determinado, fora da sala no parque, pátio e no tanque de areia, mudei esta concepção e nas descrições acima verifica-se que além destes locais externos, são utilizadas as salas de aula, ou qualquer outro local disponível já que na escola onde trabalho apresenta certa falta de espaço, e todos devem adaptar-se, transformando o ambiente de trabalho.

6- A EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

Considero que seja importante para o leitor conhecer um pouco do processo de implantação da Educação Infantil, para isto, faz-se necessária a inclusão de um breve histórico, relacionando datas e fatos (KUHLMAN, 2000).

1870- Grande expansão das relações internacionais - proporciona a difusão das instituições de Educação Infantil, sala de asilo para os menores desamparados, seria para nós hoje como os orfanatos, com a intenção de tirar as crianças das ruas;

1875 - Fundação do Primeiro Jardim-de-Infância Particular por Menezes Vieira anexo ao seu Colégio no Rio de Janeiro, somente para a elite carioca;

1896- Primeira instituição pública a ser criada, o Jardim-de-Infância anexo à Escola Normal Caetano de Campos, na praça da República em São Paulo, serviria de local para estágio de professoras;

1899- Criação da primeira creche vinculada a Fábrica de Tecidos Corcovado no Rio de Janeiro;

1909- Criação de Jardim-de-Infância municipal no Rio de Janeiro: Jardim-de-infância Campos Sales;

1932- Regulamentação do trabalho da mulher, tornando-se obrigatórias creches em estabelecimentos com pelo menos 30 mulheres maiores de 16 anos, esta medida acaba integrando a CLT;

1935- O parque infantil começa a se estruturar no município de São Paulo, com a nomeação de Mário de Andrade, vinculado ao Departamento de Cultura;

1940- Com a gestão de Prestes Maia, o Parque Infantil começa a se expandir, com objetivo de receber crianças de 3 ou 4 a 6 anos e de 7 a 12 anos, fora do horário escolar, mais tarde expande-se para outros locais, o Parque Infantil passa a adotar uma orientação esportiva, voltada para a cultura física;

1961- Lei de Diretrizes e Bases da Educação (4.024) em seus artigos 23 e 24 estabelecia que as crianças com idade inferior a 7 anos recebam educação em Escolas Maternais ou Jardins-de-Infância, estimulando-se as empresas a manter instituições para as suas trabalhadoras;

1965- Unicef promove a Conferência Latino-Americana sobre a Infância e a Juventude no Desenvolvimento Nacional, idéia de se implantar instituições educacionais de baixo custo, sugere até o financiamento de espaços educacionais em igrejas, podendo

exercer a doutrina, com voluntariado, reservando pagamento para cargos técnicos – supervisão e coordenação;

1988- Promulgação da Constituição Federal com a inclusão da modalidade específica das instituições para a criança pequena, de 0 a 6 anos, na qual estabelece que as creches e pré-escolas passariam a compor os sistemas educacionais;

1996- Lei de Diretrizes e Bases da Educação – 9.394/96, reconhecimento das instituições como parte do sistema educacional (creches e pré-escola), apontando a possibilidade de superação de segregação social, que isola as crianças pobres em instituições vinculadas a órgãos de assistência social.

Percebe-se com esta breve retrospectiva de implantação da Educação Infantil, que houve um avanço na constituição de instituições infantis, porém, muito lento, e que ainda necessita de melhoras. Desde 1870, iniciou a implantação de escolas de educação infantil, a princípio, os asilos tinham como objetivo tirar crianças órfãs da rua, mais tarde a criação de escola favorecendo a elite, em seguida beneficiando as professoras em seus estágios, depois a implantação da creche vinculada a fábrica de tecidos, somente em 1909 criou-se um jardim de infância municipal. Vimos que estas instituições não foram feitas para o benefício da criança, e sim para a elite.

Com a regulamentação do trabalho da mulher em 1932 pela Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), que tornou obrigatória a creche em estabelecimentos com pelo menos 30 mulheres maiores de 16 anos, esta medida na verdade não saiu completamente do papel, pois até hoje passados 76 anos, ainda as crianças cujas mães precisam trabalhar têm o seu direito ferido por faltas de vagas nas instituições públicas.

Apesar disto, a legislação brasileira avança, mas lentamente, em relação a Educação Infantil. A Constituição de 1988, passou a considerar a criança como sujeito de direitos, reconhecendo a educação de 0 a 5 anos anteriormente assistencialista, com caráter educativo, sendo um dever do Estado e direito da criança. Direito da criança também assegurados no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA-1990), a Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB – 1996) e o Plano Nacional de Educação (PNE-2001).

Os investimentos com a educação eram de 10% em 1946, cai para 7% em 1976, com isto houve o sucateamento das escolas e a desvalorização profissional mas com a LDB, o município é obrigado a investir 25% do total do orçamento anual na educação, isto passa a ser um ganho, porém, mesmo com todo este investimento ainda faltam vagas em escolas para crianças de zero a três anos, no município em que trabalho.

Nesta gestão municipal (Prefeito e Secretário de Educação – administração 2005/2008), foram construídas quatro escolas, que atendem crianças do berçário a 4ª série, e com isto houve um aumento real de número de vagas, mas mesmo assim as vagas oferecidas estão muito abaixo da necessidade da população.

O município mudou a política de aceitação das crianças. Nos anos anteriores fazia a matrícula por ordem de inscrição, neste ano (2008) está sendo feita uma análise pelas assistentes sociais da prefeitura para a verificação de qual criança realmente precisa da vaga na creche.

A Lei no. 9394 de 20 de dezembro de 1996 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), estabelece no seu artigo 29 que:

A educação infantil primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seu aspecto físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (BRASIL, 1996)

Com a mudança na legislação a creche deixa de ser assistencialista e passa a ter caráter educacional. Podemos comparar em dois dicionários a definição de creche, de diferentes períodos:

Ano 1979 – Creche: Asilo diurno onde se abrigam crianças pobres cujas mães estão no trabalho; infantário. (GARCIA, 1979, p.412)

Ano 2005 - Estabelecimento que dá assistência diária a criança de pouca idade. (FERREIRA, 2005, p.275)

Verifica-se que a concepção de creche, foi sendo modificada ao longo do tempo, e as alterações vistas acima teve influência da nova legislação, pois se antes a sociedade via a creche como assistencialista somente para os pobres, hoje a preocupação é com o desenvolvimento da criança.

Na atual administração municipal, verificam-se investimentos nas escolas: brinquedos para parque infantil, casinhas de plástico, piscina de bolinhas, cestas de basquete de plástico, bancos e lixeiras, ainda muitos livros e brinquedos. Mas mesmo com este investimento, algumas escolas estão precisando de reformas, pois estão fora da necessidade da criança pequena, conforme destaque abaixo:

- A brinquedoteca que era utilizada até o ano passado por todas as turmas, foi desmanchada, os brinquedos distribuídos por todas as salas, pois aumentou uma turma de maternal III, e hoje ocupo esta sala. A turma utiliza a sala para atividades e para dormir;

- Não existem possibilidades de atividades na cozinha, pois além dos professores, as crianças também não têm acesso a ela. Mesmo sem o ingresso à cozinha, realizamos atividades de culinária na própria sala, utilizamos receitas que não necessitam de fogão ou forno, como por exemplo: salada de frutas, doces (aqueles que os ingredientes somente são misturados) e saladas diversas;

- A sala de televisão é pequena e também é utilizada pela médica, aproximadamente quatro vezes por mês. Quando a sala está sendo ocupada, usamos uma outra televisão que pode ser levada para outros locais, ou então, são reprogramadas as atividades, para um outro local vago;

- As janelas das salas são altas, impossibilitando a visão do exterior pela criança, algumas vezes até sobem nas cadeirinhas para conseguir verificar o movimento de fora. Para evitar esta “curiosidade” da criança, são realizadas muitas atividades fora das salas, o que proporciona a exploração pela criança dos espaços externos;

- Dias de chuva e frio são os piores, pois existe somente um pátio coberto na escola. Nestes dias, as crianças ficam muito tempo dentro da sala ou em lugares fechados, então são priorizadas atividades de brincadeiras com música, dança, brincadeiras de roda (corre-cutia, pato-ganso, etc.) dentro da sala mesmo, as mesas são movimentadas de maneira a liberar espaço para as brincadeiras.

Mesmo com estas limitações físicas da escola apresentadas acima, reafirmo que investimentos na educação estão sendo feitos e o brincar é priorizado diariamente por todas as turmas da escola em que trabalho, faça sol ou chuva, seja dentro das salas, pátio, gramado, parque ou tanque de areia.

7- EDUCARE E CUIDAR

Existem dois profissionais na escola de educação de zero a três anos: o monitor, que tem como função principal o cuidado principalmente com a higiene: banho, troca e alimentação, e o outro profissional, o professor, que atua do maternal III em diante e é aquele que tem a função de educar, ensinar, aquele que tem a teoria pedagógica. Mesmo com a mudança de características, de deixar de ser assistencialista, para apresentar caráter educativo, a monitora, que trabalha diretamente com a criança, não necessita ter magistério ou curso na área para exercer o cargo, pois ela deve cuidar da criança (isto na cidade em que trabalha).

Os monitores têm muitos cursos de capacitação, mas o ideal de se trabalhar com a criança é ter o magistério ou a faculdade na área de educação, mesmo para crianças abaixo de três anos, pois na escola (faculdade ou magistério), tem-se respostas para muitos questionamentos, o profissional começa a entender o motivo porque deve agir de determinada maneira – relacionando prática/teoria. Existem muitas pessoas capacitadas ocupando este cargo, inclusive com faculdade e algumas até do Proesf, exercem muito bem a sua função, e vão além, não somente cuidam, mas educam sem dúvida as crianças diariamente. Apesar desta diferenciação entre professor/monitor, os dois profissionais devem trabalhar em conjunto, pois os dois educam e cuidam ao mesmo tempo.

A escola deve proporcionar à criança a socialização com outras pessoas, propiciando o desenvolvimento da sua identidade. Nestas instituições, a aprendizagem se dá por meio das brincadeiras, das situações pedagógicas intencionais, ou aprendizagens orientadas por adultos, onde educar é cuidar, propiciando, assim situações em que a criança obtenha seu desenvolvimento pessoal. Comprovamos no RCNEI que:

Educar significa portanto propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e de estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. (BRASIL, 1998, p.23)

O cuidar não se refere somente a cuidados do corpo, mas também no sentido afetivo, cuidados com a alimentação, saúde e atenção. É preciso de compromisso com os envolvidos no processo, interessado sobre o que criança sente, pensa, e ensiná-la a ser cada vez mais independente (RCNEI, 1998).

8- CONSIDERAÇÕES FINAIS:

No contato com a teoria nestes três anos de faculdade e a possibilidade de viajar no tempo para a minha infância, muitas idéias surgiram para serem inseridas neste trabalho, mas colocá-las no papel, através da escrita, não foi uma tarefa fácil, pelo contrário, foram muitas horas dispensadas em frente ao computador, mas tudo foi necessário para a busca de conhecimento e entendimento, do que representa o brincar na Educação Infantil. Como já citei na apresentação deste memorial, lembrar não é somente reviver o passado, mas uma reconstrução de conhecimento, reafirmo nestas linhas finais que isto é verdade, pois este trabalho proporcionou-me conhecer muito mais sobre a importância do brincar na vida das crianças.

Compreendo que muitas vezes o que achava indisciplina, era na verdade a criança expressando-se ao seu modo, não entendia isto devido a falta de conhecimento teórico. Atualmente compreendo que a prática é muito importante, mas deve-se unir prática e teoria para um bom entendimento do nosso objeto de trabalho – a criança.

A brincadeira e o brinquedo devem ser inseridos nas escolas, não somente com objetivos pedagógicos, mas também a fim de deixar a criança brincar por brincar, pois ela socializa, aprende, tem a sua auto-estima estimulada, torna-se criativa, faz escolhas e começa a deparar-se com situações que devem ser solucionadas. Nas brincadeiras de faz de conta aprende a diferenciação de papéis quando brincam como se fossem outras pessoas, imitam e recriam personagens do seu cotidiano.

Também aprendemos, que a constituição da infância é um processo histórico e social e que foi se modificando através dos tempos. Na sociedade tradicional a criança mal adquiria crescimento físico já passava a viver com adultos, partilhando de seus trabalhos e jogos. Já as crianças dos dias atuais, não podem brincar em casa devido ao pouco ou nenhum espaço onde vivem, pois muitas moram em casas pequenas sem quintal ou em apartamentos. Então, a escola de Educação Infantil é de fundamental importância na atualidade, a qual deve ensinar e educar de forma lúdica, oportunizando que as crianças se relacionem com seus pares e com adultos. A escola precisa ser um lugar onde a criança queira estar, possibilitando que se faça à redescoberta da infância, principalmente por estar longe do seio familiar por muitas horas diárias.

De acordo com o Referencial para Educação Infantil (1998), a brincadeira ocorre no plano da imaginação da criança, isto implica que aquele que brinca tem o domínio da linguagem simbólica. Assim, para a criança brincar é imprescindível para que ela se

apropriar de elementos da realidade imediata de tal forma a conferir novo significado. A brincadeira se dá entre a articulação da imaginação e a imitação da realidade, porém esta última é sempre inovadora. Para aprender a brincar a criança tem que praticar brincando, como já citei anteriormente (BORBA, 2006).

Com o capitalismo, a família já se estrutura diferentemente, a criança fica em casa muitas vezes sozinha, sem a mãe e como não pode mais brincar nas ruas devido a violência e ao trânsito das grandes cidades, fica assistindo televisão, jogando vídeo game e retendo informações sobre estes entretenimentos. Com a ida das mulheres para o mercado de trabalho, necessita-se de leis que se dá com a regulamentação do trabalho da mulher em 1932 pela Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), que tornou obrigatória a instalação de creche em estabelecimento com pelo menos 30 mulheres maiores de 16 anos, o que não aconteceu efetivamente, pois até hoje, muitas crianças não conseguem vagas nas instituições públicas.

Mesmo lentamente, a legislação brasileira apresenta avanços em relação a Educação Infantil. A Constituição de 1988, passou a considerar a criança como sujeito de direitos, reconhecendo a educação de 0 a 5 anos com caráter educativo, sendo um dever do Estado e direito da criança. Os direitos das crianças também estão assegurados no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA-1990), na Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB – 1996) e no Plano Nacional de Educação (PNE-2001). A escola tem como objetivo proporcionar a criança a socialização com outras pessoas e propiciar o desenvolvimento da sua identidade.

Crianças paradas, jamais! Como trabalhar com crianças de três anos em silêncio absoluto? Após este período de faculdade compreendi que a criança é só movimento e prendê-la é restringir a sua capacidade de criação. Passei a ouvir, observar mais a fala, o gesto e as vivências que trazem de casa.

Novos caminhos foram trilhados: o meu aperfeiçoamento, quebra de padrão em que meninos tinham que brincar de carrinho e futebol e as meninas somente com boneca e panelinha. Asseguro um tratamento mais adequado às crianças, com mais carinho e atenção. Agora respeito as diferenças, e as escolhas pessoais de cada um, aprendi que os alunos querem se expressar, ser ouvidos, dar opiniões, participar de decisões e acima de tudo que através do brincar a criança aprende.

Devido a educação tradicional a mim imposta, por ficar com medo e receio em falar, questionar; a faculdade foi responsável na quebra deste paradigma, tornei-me mais crítica, questionadora e não “aceitadora” de tudo que é conferido. Ressalto que

atualmente apresento muito mais facilidade em expor as opiniões, e isto se dá a fundamentação teórica adquirida, onde se pode argumentar e dialogar com a teoria.

Com tudo isto exposto, concluo que o curso de Pedagogia do Proesf foi de fundamental importante para mim, tanto profissional quanto pessoalmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARRIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.
- BORBA, Angela Meyer. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. In: *Ensino Fundamental de Nove Anos - Orientações para Inclusão da Criança de Seis Anos de Idade*. Brasília, MEC, SEB, 2006 – mimeo. Apostila utilizada no HTDC (hora de trabalho diversificado e coletivo) de 12/06/2007, fornecida pela coordenadora da escola em que trabalho.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- BRASIL, *Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional*. Lei no. 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.
- _____. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei no. 8.069/90, de 13 de julho de 1990.
- _____. *Constituição da República Federativa do Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1988.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil*. Brasília. DF, 2006.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. *Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEF, 1998 – 3 volumes.
- CAMARGO, Ana Maria Faccioli de; RIBEIRO, Claudia. *Sexualidade(s) e Infância(s): A Sexualidade como um Tema Transversal*. São Paulo: Moderna, 1999.
- CAVALLARI, Vânia Maria. *Recreação em Ação*. São Paulo: Ícone, 2006.
- ENGUITA, Mariano Fernández. *A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- FARIA, Ana Lúcia G. O espaço físico como um dos elementos para a Pedagogia da Educação Infantil. In: FARIA, Ana Lúcia G.; PALHARES, Marina (Orgs.) *Educação Infantil Pós-LDB Rumos e Desafios*. Campinas: Autores Associados, 1999, p.67-95.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio: O Dicionário da Língua Portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2005.
- GARCIA, Amílcar (Org.). *Grande Dicionário Brasileiro de Consultas e Pesquisas Ilustrado*. São Paulo. Novo Brasil Editora, 1979, vol.1.
- KRAMER, Sônia. *Revista Criança no.39*. Brasília, MEC, SEB, 2005, p.5-8.

KUHLMAN Junior, M. Educando a Infância Brasileira, In: LOPES EM. J. et. al. (Orgs.). 500 anos de Ed. No Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana*. Belo Horizonte: Autentica, 2003.

LIMA, Mayumi Watanabe de Souza Lima. A Importância da qualidade do espaço na educação das crianças. MEC *Revista Criança*, n. 27, p. 9-12, 1994.

MARCELLINO, Nelson C. *Pedagogia da Animação*. Campinas, SP: Papirus, 1990, Cap.II, p.53-89.

MELLO, Suely Amaral. Um Mergulho no Letramento a Partir da Educação Infantil. *Caderno Temático de Formação*. V.2, p. 46-51, 2004.

PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira. *A Aprendizagem e Subjetividade: Uma Construção a Partir do Brincar*. Ver. Dep. Psicol. , UFF, Dez.2005, vol.17, no.2, p.61-76.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou Da educação*. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

STEINBERG, Shirley R.; KINCHELOE, Joe L. (Orgs.). *Cultura Infantil: a construção corporativa da infância*. Tradução: George Eduardo Japiassú Bricio. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

TAILLE, Yves De La. *Revista Criança no.38*. Brasília, MEC, SEB, 2005, p.5-6.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WAJSKOP, Gisela. *Brincar na Pré-Escola*. São Paulo: Cortez, 2001.

YOGI, Chizuko. *Aprendendo e Brincando Com Música e Com Jogos*. Belo Horizonte: Fapi, 2003.